HVMANITAS

[Recensão a] GONZÁLEZ PONCE, F. J., GÓMEZ ESPELOSÍN, F. J. y CHÁVEZ REINO, A. L. (eds.), La letra y la carta. Descripción verbal y representación gráfica en los diseños terrestres grecolatinos. Estudios en honor de Pietro Janni

Autor(es): Mantas, Vasco Gil

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44782>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_9

Accessed : 26-Apr-2023 07:48:14

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

umanitas

72

no seu tratamento por dois autores diferentes, que se complementam na sua especificidade própria, uma historiadora e um classicista, reputados professores da Universidade de Coimbra. Uma mais valia a acrescentar ao seu reconhecido mérito.

O interesse deste volume abrange tanto os especialistas como o leitor comum.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

ncastrosoares@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5555-2564>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_8

GONZÁLEZ PONCE, F. J., GÓMEZ ESPELOSÍN, F. J. y CHÁVEZ REINO, A. L. (eds.), *La letra y la carta. Descripción verbal y representación gráfica en los diseños terrestres grecolatinos. Estudios en honor de Pietro Janni*, Sevilla, Universidad de Sevilla. Universidad de Alcalá, Monografías de GAHIA 1, 2016, 376 pp. ISBN: 978-84-472-1835-6.

Recensão submetida a 11-01-2018 e aprovada a 12-03-2018

O volume de homenagem ao Prof. Pietro Janni surge numa época em que se renovam os estudos sobre a geografia antiga. A obra, cuja edição foi encargo das universidades de Sevilha e de Alcalá de Henares, tem sóbrio aspeto gráfico, resultando de um projeto de I&D desenvolvido pelos coordenadores do volume, o primeiro de uma série tutelada pela recentemente criada rede internacional de investigadores GAHIA (*Geography and Historiography in Antiquity*). Conta com contributos de 18 autores, representando maioritariamente instituições universitárias de Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos da América, Israel e Federação Russa, utilizando cinco línguas como meio de expressão, o que me parece um exemplo de como se podem editar projetos internacionais sem recorrer obrigatoriamente à língua inglesa, reservando um lugar destacado a três línguas latinas, castelhano, francês e italiano. O volume divide-se em quatro secções bem definidas: I – *Letra vs. carta: presupuestos básicos*; II

– *Tensión letra- carta en la literatura grecorromana*; III – *Otros testimonios extraliterarios*; IV – *La tradición clásica*. Precede estas secções um perfil biográfico do homenageado, da autoria de Francesco Frontera (p.xvii-xix), terminando o volume com diversos índices (p. 337-376), particularmente úteis para o leitor interessado em encontrar rapidamente topónimos ou antropónimos, ou verificar a sua ausência.

A ilustração da capa mostra um pormenor de um manuscrito grego (Palatinus Gr. 398, f. 77 r), no qual se vê o curso do rio Tibre, a cadeia dos Apeninos e o litoral adriático, exemplificando bem o casamento entre texto e representação figurada, mais ou menos simbólica, tão frequentemente evocada ao longo da obra. Dito isto, passo à análise dos artigos que a compõem, naturalmente de forma sintética. Geralmente interessante, o volume obriga a uma leitura concentrada, nem sempre transparente para os leitores menos habituados aos meandros da geografia antiga, aqui globalmente considerada mais interessada no texto, de acordo com a interpretação do Prof. Janni numa óptica hodológica, que na representação cartográfica, subordinada àquele.

O primeiro texto, *Karte und Text: Zwei Wege der Repräsentation des Raums*, da autoria de Alexander Podossinov, desenvolve uma comparação interessante com outras áreas culturais, sublinhando o desenvolvimento de uma conceção mental do espaço, a partir da experiência da viagem e dos itinerários, visível na elaboração de roteiros enumerando as várias estações ou jornadas de uma viagem. A Tábua de Peutinger teria resultado da transposição cartográfica de um documento desse tipo, sem preocupação de escala, talvez destinado a servir a propaganda imperial. Devo recordar que, mesmo admitindo a raridade dos mapas antigos conhecidos, tal facto não permite afirmar a sua quase inexistência. Ninguém duvida da realidade das vias romanas, comprovadas materialmente embora os escritos técnicos sobre a construção das mesmas sejam praticamente desconhecidos.

O segundo artigo, *Démocedès de Crotone, l'apographé et la genèse du périple*, da autoria de Didier Marcotte, explica a origem dos périplos a partir de inventários de tipo administrativo, interessados na definição dos contornos territoriais, como o levantamento efetuado para Dario por Democedes, antes da invasão da Grécia, como nos relata Heródoto. Enumerando distâncias marítimas costeiras, o modelo inspirou quer os périplos, quer outras aplicações, terrestres, testemunhadas no mundo grego e helenístico, sem esquecer que, como documento administrativo, passou

aos *gromatici* romanos, delineando cadastros territoriais, como no caso lusitano de *Salmantica* (Salamanca)¹.

O terceiro artigo, de Roberto Nicolai, intitulado *La tragedia e i confini del mondo. Limiti geografici e limite linguistici* ocupa-se do valor simbólico de uma geografia exótica, opondo o espaço dos homens ao espaço natural, oceanos, montanhas, sublinhando uma perfeita separação entre o ambiente dos vivos, dos mortos e dos deuses. É interessante a referência às Ilhas Afortunadas, que o conhecimento do mundo foi deslocando para Ocidente², seguindo o curso das viagens até Cabo Verde. Encontramos neste artigo todo o material clássico dos mundos fantásticos e a procura dos limites da *oikoumene*, problema em aberto durante muitos séculos.

No artigo seguinte, *Le Amazoni e la geografia della conquista da Alessandro a Pompeo*, da autoria de Serena Bianchetti, voltamos a encontrar o debate entre mito e realidade, agora a propósito das Amazonas, fortemente presentes na cultura grega, como se deduz do facto de a *Amazonomachia* ter um lugar nos frisos do Partenon ateniense. A autora sublinha o valor do mito como elemento de uma ideologia de expansão e de poder, sem esquecer que a realidade do mesmo era já contestada na Antiguidade, o que não limita, o uso do imaginário mítico e do passado, como suporte ideológico, tal como hoje.

Francisco Gómez Espelosín, um dos editores da homenagem ao Prof. Janni, brindou-nos com um artigo que sugere algumas interpretações novas quanto à concepção espacial do Império de Alexandre, artigo intitulado *Del Hifasis a Opis. La percepción geográfica del Imperio de Alejandro*. A conquista do Império Persa, enorme aglomerado de povos e culturas diversas, autêntica síntese da Antiguidade Oriental, como considerou Sabatino Moscati³, alargou o conhecimento grego do Oriente, mas suscitou problemas de integração dos novos dados geográficos, sobretudo sobre a questão dos limites. O autor sugere, creio que com razão, distinguir entre a visão geográfica das conquistas e da sua possível fusão, por parte de Alexandre, e a percepção do mesmo por parte dos agentes da mesma, baseada sobretudo na experiência das regiões percorridas, falhos de uma visão de conjunto, visão cuja fundação de numerosas Alexandrias parece apoiar.

---

¹ Frontin, *L'oeuvre gromatique*, M. Clavel-Lévêque (ed.), Corpus Agrimensorum Romanorum, IV, Luxemburgo, 1998: 4-7.

² M. H. Rocha Pereira, *O jardim das Hespérides*, Estudos Sobre a Grécia Antiga, Coimbra, 2014: 25 -35.

³ Sabatino Moscati, *L'Orient avant les Grecs*, Paris, 1963: 307-330.

O artigo seguinte, de Luciano Canfora, *Simonidis cartografo e riscopritore della pittura sacra atonita*, aborda um problema hoje no centro dos estudos de cartografia antiga, a autenticidade do chamado Papiro de Artemidoro. Com convincentes argumentos o autor defende a atribuição do polémico documento ao falsário do século XIX Constantino Simonidis, elaborado em parte sobre documentação obtida num dos mosteiros do Monte Athos, como o manual de pintura de Dionísio da Furna⁴. Canfora realça ainda o quanto há de contraditório e de indecifrável no mapa, cujas diversas interpretações chegam a identificar a mesma área ora como a Bética, ora como Chipre. Embora o papiro venha merecendo destacada divulgação, creio dever apoiar a posição crítica de Luciano Canfora e reconhecer na falsificação a intenção inicial de unir o helenismo greco e bizantino.

Especialmente interessante para os investigadores nacionais é o artigo de Albadalejo Vivero, *Acerca del contorno costero de la Iberia de Artemidoro*. Defrontamo-nos de novo com os problemas suscitados pelo famigerado papiro, neste caso a representação do litoral ibérico. O autor sublinha as discrepâncias entre os dados do papiro e as fontes geográficas posteriores, nítidas e graves. Refere a importância atribuída a *Tarraco*, difícil para a cronologia atribuída ao papiro, sugerindo uma projeção no passado do estatuto político posterior atingido pela cidade. Na costa algarvia as posições de *Ipsa* (Ipsos) e *Kilibe* (Cilpes são aberrantes e a referência a *Salacia* (Alcácer do Sal) já sob este topónimo parece impossível, admitindo que lhe foi atribuído por Sexto Pompeio, o que creio ser um dado adquirido⁵. Assim, tudo se conjuga para que a autenticidade do Papiro de Artemidoro seja mais que discutível.

O artigo seguinte, de Francesco Frontera, *Geografia tardo-ellenistica. La lista delle satrapie in Diodoro XVIII, 5-6*, permite considerar um caso interessante de introdução geográfica a um discurso histórico, neste caso as lutas que opuseram os sucessores de Alexandre, sublinhando a conveniente união entre geografia e história. O autor considera que Diodoro utilizou uma fonte tardia, provavelmente posterior à paz de Apameia (188 a.C.), que afirmou a República Romana perante os Selêucidas. Diodoro delineou um quadro da geografia asiática posterior a Eratóstenes, organizando as

---

⁴ Personagem do século XVIII que Simonidis fez convenientemente remontar ao século XV-XVI.

⁵ Vasco Mantas, *Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado*, Revista Portuguesa de História, 41, 2010: 211-213.

regiões de acordo com a posição reputada para as mesmas, organizando-as de forma contígua de acordo com o conceito de climas.

Segue-se um artigo de González Ponce, também um dos editores do volume em apreciação, intitulado *Estrabón y su manejo de la periplografia griega*. O autor considera que o geógrafo de Amásia recorreu preferencialmente a fontes verbais e não cartográficas, reputando pouco fiáveis as fontes periplográficas. Apesar de tudo, não há dúvidas quanto ao facto de as ter utilizado, e em larga escala, como se verifica facilmente no gráfico 1 (p.162). Curiosa é a postura de Estrabão a propósito do valor “científico” de Homero, que aceita, contrariando também neste ponto as posições de Eratóstenes. No fundo, além dos aspetos científicos e literários envolvidos, julgo que esta atitude resulta da tradicional oposição entre Alexandria e Pérgamo, que no início do século I não seria só cultural, mantendo o eco de rivalidades políticas anteriores, aspeto que mereceria, creio, mais atenção.

Cruz Andreotti analisa, no seu artigo *Etnias e identidades antigas. Hacia el cambio del paradigma esencialista*, o complicado problema do estabelecimento da origem dos povos a partir das fontes geográficas antigas, largamente utilizadas, ontem como hoje, nos debates identitários. Posso resumir o conceito habitual na fórmula simplista *uma língua, um território, um povo*. Debate antigo, no qual, inevitavelmente os historiadores se veem envolvidos. O autor, sublinhando as dificuldades da utilização da geografia antiga, desenvolve o exemplo de Tartesso, que a tradição localizava para lá da Ibéria, até se lhe atribuir o resultado do esquema Tartesso-Turdetânia-Bética-Andaluzia. Considerando o valor que a cultura material tem assumido neste velho debate, persiste o conceito germânico de *Kulturkreis*⁶, dou como exemplo das dificuldades que justificam as reticências do autor, a impossível distinção entre Lusitanos e Túrdulos através de dados arqueológicos ou mesmo onomásticos, na época romana.

Pierre Moret ocupou-se em *De Plinio à Agrippa. Le chemin détourné d'une carte virtuelle* dos dados geográficos transmitidos por Plínio-o-Velho nos livros III, IV e VI. Desde logo se verifica a importância deste artigo para o estudo da geografia antiga do Ocidente, sobretudo da Hispânia, procurando o autor restituir uma carta a partir desses dados, envolvendo na discussão o Mapa de Agripa e a sua possível influência na obra do naturalista, que não refere mapas. O estudo apresentado

---

⁶ Conceito difusionista definido por Leo Frobenius e largamente utilizado por investigadores como Fritz Gräbner e Gustaf Kossina.

confirma a larga utilização de distâncias itinerárias por Plínio, o que, para o litoral ocidental lusitano me parece menos seguro. Por exemplo, a distância entre *Olisipo-Aeminium-Tude*, por estrada, corresponde sem problemas ao valor indicado por Plínio, ainda que encontremos a mesma discrepância litoral existente em Ptolomeu. Devo chamar a atenção para um ponto interessante da restituição proposta por Moret (p.205-206), na qual o *Promunturium Sacrum* (Cabo de São Vicente) deixa de ser o ponto extremo da Europa, como os autores antigos pretendiam. Mais difícil de compreender, uma vez que Plínio conhecia a Hispânia, é a confusão *Artabrum-Magnum-Olisiponensis*, que Moret explica pela valorização de fontes não cartográficas.

O artigo seguinte, *Por el río y por el mar, tal vez incluso por tierra*, redigido por Stefano Belfiore, leva-nos até à Índia, propondo o autor, apoiado na geomorfologia da região e nos dados da Tábua de Peutinger, retomar a versão do Périplo do Mar Eritreu, na secção 54, anterior à edição Müller. Belfiore desenvolve uma crítica exaustiva das fontes disponíveis para a região de *Muziris* (Pattanam), incluindo Plínio e Ptolomeu, cujos resultados sugerem uma aceitável representação da Índia meridional na Tábua de Peutinger. Julgo que outro aspeto importante deste artigo é o de chamar a atenção para a recorrente utilização de vias marítimas, fluviais e terrestre numa mesma viagem e para o valor do comércio romano com a Índia e seu impacto nos conhecimentos geográficos da época.

Klaus Geus assinou o artigo *Paradoxography and geography in Antiquity. Some thoughts about the Paradoxographus Vaticanus*, no qual trata de *mirabilia* ou *admiranda* presentes na literatura antiga e em parte transmitidos a épocas posteriores, analisando o texto do documento vaticano. O autor constata um claro princípio geográfico na sua organização, através da qual foram apresentados os diversos tópicos (animais, água e costumes), atribuídos concretamente a um determinado espaço como se tratasse de uma viagem, na linha do conceito hodológico do Prof. Janni, resultando num contributo pertinente para o problema da cultura do maravilhoso e sua receção.

Patrick Counillon trata, sob o título *La Périégèse de Denys d'Alexandrie. Langue géographique e poésie*, da adaptação da poesia épica à linguagem científica da época, o século II, através da recuperação das técnicas de composição oral. Uma geografia erudita que representa uma carta mental da *oikoumene*, usando da liberdade poética sem deixar representar ciência, apesar da geometrização do espaço, de imagens

flutuantes e de uma imprecisão consentida, se não procurada, como no caso da localização de *Gades*, ilha no Estreito de Gibraltar, o que só poderia ser admitido numa obra deste tipo, constituída por um extenso catálogo de sítios e de povos, que pretende suscitar imagens e com elas criar um mapa geográfico. Não o fizeram também Camões e Pessoa ao aludirem à posição geográfica de Portugal?

Jehan Desanges trata, com algum humorismo bem-vindo numa obra deste tipo, e sob o título *Remarques sur les notions de “Haut” et de “Bas” dans la géographie antique de l’Afrique*, de uma questão que, por vezes, complica a interpretação de certas referências geográficas. O autor sublinha que o ponto de partida para a interpretação de um ou de outro destes termos se relaciona em primeiro lugar com o ponto a partir do qual se toma a referência, quase sempre a partir da costa ou de uma cidade importante, o que também implica considerar a orientação dos mapas. Desanges apresenta numerosos exemplos, entre os quais o da Líbia Superior, atribuída à Diocese do Oriente, devendo tal classificação devido à distância a que se situava de Antióquia. Interrogo-me, porém, se não teriam sido os fatores culturais da região a determinar esta ligação, respeitando uma realidade anterior, reconhecida no século passado pela administração italiana, ao construir no limite entre a Tripolitânia e a Cirenaica o *Arco dei Fileni*, hoje destruído, como tantas outras memórias do passado, na trágica Líbia contemporânea.

Hans-Joachim Gercke apresenta um sólido artigo, *Meilenstein ausdrück Römischer Herrschaft und Römischer Rumauffassung*, analisando a função dos miliários na construção de um espaço largamente definido através de uma teia de vias e de monumentos, numa autêntica estrutura hodológica. O autor, como outros antes, destaca o reflexo nos miliários dos valores políticos romanos, da sua superioridade assumida e da exaltação do triunfo sobre a natureza. Dá exemplos de alguns textos epigráficos, referindo também a menos vulgar denominação das vias, sobretudo na época imperial. Algumas delas, pelo seu valor político simbólico, caso da *Via Augusta* e da *Via Traiana*, nos limites ocidental (*Oceanum*) e oriental do Império (*Sinus Arabicus*), encontram-se neste caso. Recordo que a criação de um espaço humanizado, construído através de marcas perceptíveis nas estradas, foi a seu tempo evocada no poema do alemão Christian Morgenstern⁷, precursor insuspeito do Prof. Janni.

---

⁷ Christian Morgenstern, *Der Meilenstein*, in René Lasne (coord.), *Anthologie bilingue de la poésie allemande*, 2, Verviers, 1967: 168.

Richard Talbert volta, no seu artigo *Claudius' use of a map in the Roman Senate* à questão da existência de mapas, nomeadamente ilustrando regiões restritas. É um texto inteligente, tentando reconstruir o ambiente do discurso de Cláudio a favor da pretensão gaulesa de acesso ao Senado. O autor sugere a existência de mapas com alguma dimensão, alguns tendo talvez como suporte tapeçarias, suscetíveis de sustentar, como neste caso, a exposição do orador. Talbert situa o discurso imperial na *Curia Iulia*, calculando até a distância a que ficariam os auditores mais afastados. Ocorre-me perguntar, considerando a importância do caso e o número previsível de senadores presentes, se o discurso não teria sido pronunciado no Templo da Concórdia. Seja com for, trata-se de um estimulante artigo.

O último contributo no volume é de Daniela Dueck e intitula-se *Travelling Literature alphabetically. Literary Hodology in Giovanni Boccaccio*. Estamos agora no mundo multifacetado da receção da cultura clássica. Como a autora refere, Boccaccio elaborou um livro de referências, sob a forma de catálogo geográfico, para leitores dos clássicos, atualizando-o, num ou noutro caso. Este tipo de obras teve grande difusão durante séculos e muitos estudantes de *Os Lusíadas* devem recordar os glossários destinados a esclarecer o leitor sobre tópicos da Antiguidade. A autora alude com pertinência ao Mapa de Agripa e sugere, como Kai Brodersen anteriormente⁸, que o mapa seria, afinal, uma grande inscrição com a enumeração de povos e cidades, o que, considerando o possível modelo do *Milliarium Aureum*, me parece merecer reflexão.

O problema da representação geográfica é central na obra, sobretudo se privilegiarmos o caminho como princípio da construção de um mapa mental em que a representação do espaço obedeça ao que posso chamar de geometria variável, menos preocupada com a escala e a orientação. Permito-me recorrer a uma experiência que julgo ilustrar bem o problema. Em África, quando os mapas eram pouco explícitos e os fotogramas aéreos se limitavam a mostrar o curso de rios e arvoredo cerrado, o que me interessava era calcular o tempo de marcha entre A e B, indicador real do espaço a vencer, mais importante que a escala da foto ou da carta. Por isso mesmo, em mapas do século XIX é vulgar encontrar a indicação do

---

⁸ Kai Brodersen, *Terra Cognita. Studien zur römischen Raumerfassung*, 2, Hildsheim-Nova Iorque, 2003: 268-285.

tempo necessário para cumprir o caminho. Desta forma compreende-se melhor o princípio hodológico e o conceito de mapa mental desenvolvidos por Janni e seguido por numerosos investigadores, que não hesitam em inserir a sociologia e a psicologia no estudo da geografia e da cartografia, tão necessárias, elas próprias, ao estudo da história, como bem se depreende nesta justa homenagem.

VASCO GIL MANTAS

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

vsmantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_9

SOARES, M. T. M., *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, Coimbra, IUC, 2016, 641 pp. ISBN: Digital 978-989-26-1296-6¹.

Recensão submetida a 18-10-2017 e aprovada a 21-01-2018

De entre os muitos feitos notáveis que se podem encontrar nessa obra monumental de rara fecundidade, destaca-se um que nos dias atuais beira o inimaginável: o de contribuir, com propriedade e igual densidade, com três campos tão distintos e específicos como sejam o dos estudos filosóficos, literários e historiográficos, assim cumprindo à risca o que se pode entrever no título. Resultado da tese de doutoramento do autor, defendida em 2011 (FLUC) e publicada pela primeira vez em 2013 (publicação esta reproduzida na edição online ora recenseada), o livro aprofunda problemáticas já trabalhadas em sua tese de mestrado (*Tempo, mythos e praxis. O diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, 2013) e define um novo marco referencial tanto para os estudos sobre P. Ricoeur quanto para os dedicados a Tucídides, a começar pela ousadia mesma de explorar o fértil diálogo entre filosofia e historiografia em sua mútua iluminação – algo que o autor consegue com peculiar virtuosismo, assim descortinando para a lusofonia

---

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.